

# CÉLINE

LOUIS-  
FERDINAND

## CASTELOS PERIGOSOS

TRADUZIDO DO ORIGINAL FRANCÊS POR  
CLARA ALVAREZ

Para falar com franqueza, aqui entre nós, eu ainda acabo pior do que comecei... Oh! não comecei muito bem... nasci, repito, em Courbevoie, Sena... repito-o pela milésima vez... depois de muitas andanças chego ao fim da vida realmente muito mal... a idade, dir-me-á você... a idade!... pois claro!... com sessenta e três anos feitos, torna-se muito difícil refazer a vida... ganhar de novo clientela... aqui ou em qualquer outro sítio!... já me esquecia de lhe dizer!... sou médico... a clientela médica, e isto que fique entre nós, em confiança, não é apenas uma questão de ciência e de consciência... mas sim, em primeiro lugar, e acima de tudo, de encanto pessoal... encanto pessoal depois dos sessenta? com uma idade destas você ainda pode fazer de manequim no museu, de figura decorativa... talvez... e agradar a uns quantos excêntricos, curiosos de enigmas... e as senhoras? o velhote anda nos trinquês, perfumado, pintado, laca no cabelo?... um espantalho! com clientela ou sem clientela, exercendo medicina ou não, ele provoca-lhes vômitos!... e se estiver podre de rico?... ainda vá!... é tolerado... hum! hum!... mas um velho de cabelos brancos e sem dinheiro?... ele que se vá embora! basta ouvir as clientes nos passeios, nas lojas... a falar de um jovem colega dele... «oh! sabe, minha senhora!... minha senhora!... que olhos! que olhos, aquele médico!... entendeu logo o meu caso!... e as gotas que ele me receitou! ao almoço e ao jantar!... que gotas!... este jovem médico é maravilhoso!...» mas espere a sua vez... espere até elas

falarem de si!... «embirrento, desdentado, ignorante, corcunda, sempre a cuspinhar...» elas vingam-se de si!... a tagarelice das senhoras é soberana!... enquanto os homens parem as leis, as senhoras só se ocupam de coisas sérias: a Opinião Pública!... uma clientela médica é feita pelas senhoras!... não as tem do seu lado?... deite-se a afogar!... as suas senhoras são umas atrasadas mentais, umas idiotas de fugir?... tanto melhor! quanto mais tacanhas, casmurras e irredutivelmente estúpidas, mais soberanas elas são!... arrume a bata, e o resto!... o resto?... roubaram-me tudo em Montmartre!... tudo!... na rua Girardon!... repito-o... e nunca o repetirei o bastante!... fazem de conta que não me ouvem... justamente as coisas que devem ouvir!... no entanto eu ponho os pontos nos ii... tudo!... uns indivíduos, libertadores e vingadores, entraram em minha casa por arrombamento, e levaram tudo para a Feira da Ladra!... tudo passado a patacos!... não estou a exagerar, tenho provas, testemunhas, nomes... todos os meus livros e os meus instrumentos, os meus móveis e os meus manuscritos!... a tralha toda!... não encontrei nada!... nem um lenço, nem uma cadeira!... até as paredes eles venderam!... a casa, tudo!... saldado!... metido ao bolso!... e ponto final! sei o que você pensa! estou a ouvi-lo!... é natural! oh! que isto não lhe acontecerá! que nada de semelhante lhe acontecerá! que tomou as devidas precauções!... que é tão comunista como qualquer milionário, tão poujadista como Pujade<sup>(1)</sup>, tão russo como todas as saladas, mais americano que Buffalo!... perfeitamente conluiado com tudo o que é importante, Loja, Célula, Sacristia, Ministério Público!... *Vrunzês*<sup>(2)</sup> da nova vaga como ninguém!... o sentido da História

---

(<sup>1</sup>) Pierre Pujade (1920–2003). Político francês, fundou em 1953 o movimento da UDCA, a União de Defesa dos Comerciantes e Artesãos, que lutou contra o sistema de impostos em França. O poujadismo, nome por que ficou conhecido este movimento antiparlamentar, nacionalista e antieuropeu, deu origem entre 1956 e 1958 ao grupo parlamentar União e Fraternidade Francesas. (N. T.)

(<sup>2</sup>) *Vrunzês*: Francês. *Vrounzais* no original, corruptela de *français*. Céline manifesta o seu desprezo pelos estrangeiros que se querem fazer passar por franceses, mas não falam correctamente a língua. (N. T.)

passa-lhe pelo meio das nádegas!... irmão honorário?... claro!... criado de carrasco? veremos!... adulator da guilhotina?... he! he!

Entretanto já não tenho um *Pachon*<sup>(3)</sup>, consegui que me empresatassem um para me ver livre dos maçadores, não há nada melhor!... você manda-os sentar, mede-lhes a tensão, e como eles comem de mais, bebem de mais, fumam de mais, é raro que não cheguem aos 22... 23... de máxima... a vida para eles é um pneu... só da «máxima» é que têm medo... o estoiro!... a morte!... 25!... aí, deixam de ser foliões e cépticos! você anuncia-lhes os 23 de máxima!... nunca mais lhes põe a vista em cima! e o olhar que eles lhe atiram à saída? o ódio!... você é um assassino sádico! «adeus! adeus!...»

Bom!... de qualquer modo, com o meu *Pachon*, trato dos amigos... eles vinham para se rir da minha miséria... 22!... 23!... nunca mais os vejo!... mas resumindo, e sem entrar em pormenores, bem gostaria de deixar de exercer... no entanto, tenho de manter-me vivo! *diabolicum!* até à reforma! enfim... talvez?... mas para as economias, «talvez» não existe! economias em tudo! e já! a começar pelo aquecimento!... nunca tivemos mais de cinco graus durante todo o Inverno passado! estamos realmente muito habituados!... treinados! pudera!... treino nórdico!... aguentámo-nos lá em cima quatro Invernos... quase cinco... com vinte e cinco graus negativos... numa espécie de estábulo em ruínas... sem lume, sem qualquer espécie de lume, um sítio onde até os porcos podiam morrer de frio... pode acreditar!... portanto, treinados estamos nós!... era a palha toda a voar!... a neve e o vento dançavam lá dentro!... cinco anos e cinco meses no gelo!... a Lili, doente depois de uma operação... e não julgue que aquela geleira era gratuita! de maneira nenhuma!... nada de confusões!... eu paguei tudo! as contas estão aí, e assinadas pelo meu advogado... autenticadas pelo consulado... o que explica que eu esteja tão nas lonas!... não foram só os patifes da Butte Montmartre... foram também os piratas do Báltico!... os piratas da Butte Montmartre

---

(3) *Pachon*: aparelho de medição da tensão arterial. Tem o nome do seu inventor, Michel-Victor Pachon. (N. T.)

queriam sangrar-me até as minhas tripas escorrerem pela rua Lepic... os piratas bálticos, esses, queriam dar cabo de mim com o escorbuto... para eu deixar os ossos na prisão deles, a *Venstre*... foi por pouco... dois anos num buraco, três metros por três!... e então pensaram no frio... nas tempestades do Grande Belt... nós resistimos! cinco anos, e pagos!... a pagar! insisto! você está mesmo a ver, as minhas economias!... todos os meus direitos de autor!... levados pelas tempestades!... já para não falar dos arrestos do tribunal!... que cómico que aquilo foi! oh! eu tinha previsto até certo ponto!... um pequeno vislumbre!... o meu fato, o único, ainda o conservo, é do ano de 34! um pressentimento!... não sou do género de Pujade, não descubro as catástrofes vinte e cinco anos mais tarde, quando tudo acabou, arrasado, e só ficaram múmias!... conto-lhe por graça esta minha premonição de 34!... aproximavam-se tempos que iriam ser duros para peraltices... eu tinha um alfaiate na avenida da Opéra... «faça-me um fato, mas atenção! grande sobriedade!... Poincaré<sup>(4)</sup>! gabardina de primeira!... modelo Poincaré!»

Poincaré acabava de lançar a moda! o seu dólmen! um corte realmente muito peculiar... fiquei bem servido!... o fato, tenho-o ali... não se estraga!... como se prova!... aguentou uma travessia da Alemanha... a Alemanha de 44... sob os bombardeamentos! e que bombardeamentos! e durante quatro anos... foi cá uma caldeirada de gente, incêndios, tanques, bombas! megatoneladas de escombros! desbotou um bocadinho... mais nada! e a seguir, todas as prisões!... e os cinco anos de Báltico... ah, e depois, já me esquecia! aquela fuga precipitada de Bezons-la-Rochelle... e o naufrágio de Gibraltar! eu já o tinha!... agora ufanam-se dos fatos

---

(<sup>4</sup>) Raymond Poincaré (1860-1934). Político e advogado, foi deputado, desempenhou vários cargos ministeriais de 1893 a 1906, chefiou um governo de união nacional (1912-1913) em acumulação com a pasta dos Negócios Estrangeiros e adoptou uma política de firmeza com a Alemanha. Presidente da República de 1913 a 1920, nos dez anos seguintes foi de novo ministro dos Negócios Estrangeiros e, por duas vezes, presidente do Conselho, em períodos particularmente difíceis para a França. (N. T.)

de *nylon*, dos trajes «Grévin»<sup>(5)</sup>, dos quimonos atômicos... sempre quero ver!... o meu está aí! coçado, é verdade! no fio!... catorze anos de desgraças!... até nós estamos no fio!

Não está nos meus hábitos tentar parecer original, vestir-me para chamar as atenções... estilo pintor... Van Dyck... Rembrandt... Vlaminck... não!... bastante despercebido, bastante zé-ninguém... como sou médico... bata branca... imitação de *nylon*... muito conveniente... em casa estou portanto muito apresentável... é lá fora que as coisas não correm tão bem, com o meu fato Poincaré!... eu podia comprar um fato novo... claro! apertando ainda mais o cinto... em tudo... hesito... sou exactamente como a minha mãe... poupado! poupança! mas apesar disso tenho certas fraquezas... a minha mãe morreu de ataque de coração, sentada num banco, mas também de fome, de privações, estava eu preso na *Vesterfangsel*, na Dinamarca... não estava cá quando ela morreu, estava nos «condenados à morte», Pavilhão K... passei lá dezoito meses... os piores surdos são os que não querem ouvir, é preciso repetir constantemente...

Falo-lhe da minha mãe... apesar da doença de coração, do esgotamento, da fome, de tudo, morreu muito convencida de que era apenas um momento mau, mas que com coragem e privações chegaria ao fim, que tudo voltaria a ser como dantes, que cinco cêntimos voltariam a valer cinco cêntimos, uma quarta de manteiga custaria outra vez vinte e cinco cêntimos... eu sou de antes de 14, claro... tenho horror às despesas loucas!... quando olho para os preços!... o preço de um fato, por exemplo!... encolho-me logo... e digo-lhe: só um Presidente, um *Commissar*, um Picasso, um Gallimard<sup>(6)</sup> podem vestir-se!... o preço de um fato de *Commissar*, em calorias, dava para eu me manter, trabalhar, olhar para o Sena,

<sup>(5)</sup> Museu de figuras de cera, em Paris, fundado em finais do século XIX. (N. T.)

<sup>(6)</sup> Gaston Gallimard (1881-1975). Editor das obras de Céline a partir de 1951, após sete anos de exílio do escritor. As relações entre ambos nem sempre foram fáceis. Na correspondência que trocaram, Céline insurgia-se, por vezes em tom injurioso, contra os atrasos na reedição das suas obras ou contra o parco investimento feito na sua promoção. Mas em outras cartas é manifesta a sua estima e simpatia por Gaston Gallimard, a quem escreveu no dia da sua morte. (N. T.)

ir a dois ou três museus, pagar o telefone, durante, digamos, um ano!... é que agora só gente doida se veste!... batatas, cenouras, claro!... massa, cenouras... não me vou queixar!... já vimos pior!... bem pior!... e a pagar!... nada de confusões!... todos meus direitos de autor! toda a *Viagem*<sup>(7)</sup>!... não foram só os meus móveis e os meus manuscritos!... sacaram-me tudo! à força!... não só em Montmartre e Saint-Malo!... Sul!... Norte!... Este!... Oeste!... patifes por todo o lado!... Cote d'Azur ou Escandinávia!... a mesma laia!... não há que perder tempo a encontrar diferenças entre eles... o que todos querem é persegui-lo com o artigo 75<sup>(8)</sup>! a grande autorização para o estripar, roubar-lhe tudo, e cortá-lo aos bocados, carne para guisar!

Voltemos aos meus pequenos problemas!... falava-lhe de ementas... eu, quanto menos como, melhor... bem!... mas com a Lili é outra história!... a Lili tem de comer... preocupo-me... a profissão dela com ementas destas!... é verdade que temos um certo luxo: os cães... os nossos cães... eles ladram!... um indivíduo ao portão?... um chato qualquer ou um assassino?... solta-se a matilha! ão! ão! e ele desaparece!...

«Mas», perguntará você, «onde morais, distinto Artaban»<sup>(9)</sup>?

Em Bellevue, senhor!... a meia encosta! paróquia de Bellevue!... está a ver?... o vale do Sena... mesmo acima daquela fábrica na ilha, nasci ali perto... estou a repetir-me... nunca se repete o suficiente

---

(7) *Viagem*: o primeiro romance de Céline, *Voyage au bout de la nuit*, publicado em 1932. Cai no meio jornalístico e literário como uma novidade e uma provocação, tanto pelo estilo como pelo tema. Dá origem a críticas as mais contraditórias, vindas de sectores políticos e culturais muito diversos. Ganha nesse ano o Prémio Renaudot. Em Portugal, foi editado pela Ulisseia em 1966, com tradução de Aníbal Fernandes e o título de *Viagem ao Fim da Noite*. (N. T.)

(8) Com base neste artigo do Código Penal francês, Céline é acusado de traição, punível com a pena de morte. Em 19 de Abril de 1944, um juiz de instrução emite um mandado de captura contra Céline, que chegara a Copenhaga alguns dias antes, vindo de Sigmarigen. (N. T.)

(9) Artaban: personagem de grande arrogância, um dos heróis de um romance histórico do século XVII, *Cléopâtre*, de autoria de Gautier de Claprenède. (N. T.)

para os casmurros empedernidos! Courbevoie, Sena, Rampe du Pont, há uns a quem chateia haver gente de Courbevoie... e a idade também, insisto na minha idade... 1894!... estou a repetir-me?... pareço caquéctico?... tenho esse direito!... toda a gente que é do outro século tem o direito de se repetir!... e que diabo!... de se queixar!... de achar que tudo é reles e idiota! entre outras coisas, digo-lhe eu, toda essa população comilona, borrachona, que passa a vida a falar da Bastilha e da Place du Tertre me revolta!... todos esses tipos vêm de muito longe! Périgord! Balcãs! Córsega!... não são daqui... você viu, como eu, a debandada que foi... para onde fugiam eles naquele salve-se quem puder? eram milhões a voltar para as suas terras! pois claro! e o exército com eles!... de volta aos buracos de toupeira e aos pastos!... a minha ama, em Puteaux, no Sentier des Bergères... se calhar é melhor não falar disso... adiante!

Voltemos a Bellevue... à nossa dieta rigorosa... por mim, estaria tudo bem... comigo, o problema é a cabeça... quanto menos como, melhor... cambaleio, é verdade... podem dizer: pois! ele está bêbedo!... e dizem-no!... conforme-se com a sua reputação de borrachão, de inútil, além de senil... e um tanto «reincidente»!... desprezam-no? habitue-se!... quanto a mim, que estou velho, já o disse, quanto menos como, melhor!... mas a Lili, ela, não é velha! tem de dar aulas de dança!... não são muito lucrativas as aulas de dança!... não há aquecimento!... ela faz o que pode... eu também faço o melhor que posso... pois bem, sem entrar em lamúrias, isto vai muito mal!... a verdade nua crua, falando com franqueza, é que temos uma vida bem mais dura que o mais humilde operário ali de baixo, da Dreyfus<sup>(10)</sup>... quando penso no que eles têm!... segurança! veja bem!... seguros, férias... um mês de férias!... será que eu devia ir protestar em frente da Dreyfus?... porque sou um oprimido? porque nem o salário de varredor tenho?... eles não iam entender!... varredor na Dreyfus! segurança social!

---

<sup>(10)</sup> A Fábrica Renault, de que Pierre Dreyfus foi presidente entre 1955 e 1975, depois de desempenhar vários cargos na administração pública, na área da indústria. (N. T.)

férias! seguros! se eu pertencesse à colónia penal Dreyfus<sup>(11)</sup> seria respeitado!... mas se digo que sou da colónia penal Gaston<sup>(12)</sup>, fartam-se de rir!... só sou privilegiado numa coisa!... como me bati pelos *Vrunzses*, tenho direito a editais que enchem as paredes e onde me chamam grande traidor, me acusam de açougueiro de judeus, vendilhão da Linha Maginot, da Indochina e da Sicília... oh! não tenho ilusões!... eles não acreditam numa palavra de tais horrores, mas de uma coisa tenho absoluta certeza, é que me vão atormentar até à hora da morte!... bode expiatório dos racistas ali da frente! matéria-prima para propaganda...

Vamos às coisas sérias!... eu estava a falar-lhe do Inverno em Bellevue... do frio... uma brincadeira!... oiço pessoas que se queixam... gostava de as ver uns tempitos nas condições escandinavas... a margem do Báltico e as borrascas, debaixo do telhado de colmo esburacado que o vento levava!... vinte e cinco graus negativos, e não foi só durante um fim-de-semana... cinco anos, imagine! e também na prisão!... muito gostava eu de ver a cara do Loukoum<sup>(13)</sup> a partir o gelo daquele mar de pedra! ou então o Achille<sup>(14)</sup>! e a sua comitiva!... oh, mas o essencial!... primeiro, dois anos de chilindró para esses figurões, com o artigo 75 à perna! gostava de ver as caras deles!... o bem que lhes faria!... e finalmente... finalmente... poderíamos encará-los!... apertar-lhes a mão... finalmente teriam aprendido alguma coisa e deixavam-se de conversas...

---

<sup>(11)</sup> Colónia penal Dreyfus – Por analogia irónica com a expressão «colónia penal Renault» (*le bagne Renault*), utilizada por certas organizações comunistas referindo-se às fábricas Renault, nos anos de agitação laboral que precederam e se seguiram à II Guerra Mundial. (N. T.)

<sup>(12)</sup> Colónia penal Gaston – A editora Gallimard, dirigida por Gaston Gallimard, que publicou as obras de Céline a partir de 1951. (N. T.)

<sup>(13)</sup> Loukoum (ou Norbert Loukoum) – Jean Paulhan (1884-1968), escritor, chefe de redacção da *Nouvelle Revue Française*, conselheiro literário e director editorial da Gallimard durante mais de quarenta anos. (N. T.)

<sup>(14)</sup> Achille, e mais adiante Achille Brottin ou Brottin, é Gaston Gallimard. (N. T.)

Falava-lhe eu da ilha, lá em baixo... é preciso dizer as coisas... coisas que interessam aos velhos... não há lá muitos mutilados com 75% de invalidez, nem alistados de 1912!... é a vida! não se trata de uma censura!... se eu tivesse sido um tanto bêbedo, desde os começos, digamos, desde a escola, não me teria apercebido de nada, e agora seria varredor na Dreyfus... com privilégios, segurança social, estatuto...

Falemos de Medicina... ainda me procuram alguns doentes... é verdade! não há médico que se possa gabar de ficar totalmente sem doentes!... não! um de vez em quando... bem!... examino-os... não o faço pior que os outros médicos... nem melhor... amável, isso sim! oh! sou muito amável! e muito escrupuloso!... nada de diagnósticos sofisticados!... nada de tratamentos fantasistas!... já lá vão trinta e cinco anos, e nem uma receita disparatada!... trinta e cinco anos, apesar de tudo, já é muito tempo!... e não é porque não me mantenha actualizado!... claro que sim! claro que sim!... leio de fio a pavio todos os folhetos informativos... dois, três quilos por semana!... lume com eles! tudo para o lume! a mim nunca me acusarão de passar «receitas à toa»!... se eu não seguisse a velha Farmacopeia... caramba! com a breca!... onde iria parar? ao tribunal criminal?... 10.º juízo?... Buchenwald? Sibéria?... não, obrigado!... cabalista, alquimista perigoso, não!... não me podem apontar nada! apenas uma pequena artimanha... eu nunca peço dinheiro; não sou capaz de estender a mão!... nem sequer aos da Segurança Social... nem mesmo aos da Assistência Médica Gratuita... e da minha não saio!... orgulho idiota! mas veja o merceiro! a embalagem de massa?... o pacote de tostas?... e o carvão? e até a água da torneira? prejudiquei-me mais por nunca ter cobrado um cêntimo aos doentes do que Petiot<sup>(15)</sup> por

---

<sup>(15)</sup> Marcel Petiot (1897-1946). Médico e criminoso que organizou a fuga de judeus e perseguidos políticos durante a II Guerra Mundial. Preso pela polícia alemã, conseguiu fugir. Abriu uma clínica, e na sequência de uma denúncia dos vizinhos, incomodados por um cheiro intenso, foi descoberta na cave da casa uma câmara de gás e cadáveres das suas vítimas. Fugiu de novo, mas foi preso, julgado e condenado à guilhotina em 1946. (N. T.)

os ter assado no forno!... sou um grande senhor, ora aí está!... um grande senhor da Rampe du Pont!... o senhor Schweitzer<sup>(16)</sup>, o Abbé Pierre<sup>(17)</sup>, Juanovici<sup>(18)</sup>, Latzareff<sup>(19)</sup>, esses, podem permitir-se grandes gestos... mas os meus parecem apenas extravagantes e suspeitos!... sobretudo tendo eu saído da prisão, sabe-se lá como!

Os doentes de que eu lhe falava, os que ainda me procuram, falam-me do seu estado de saúde, dos males que os apoquentam... oiço-os com atenção... uma vez!... outra ainda!... os pormenores... as circunstâncias... em comparação com o que a Lili e eu penámos nos últimos vinte anos... uns amadores! meu Deus!... e em que estado nos safámos!... rosas delicadas!... com um terço!... um décimo do que nós passámos... haviam de rastejar debaixo dos móveis!... de todos os móveis!... a uivar de horror!... o resto

---

<sup>(16)</sup> Albert Schweitzer (1875-1965). Médico, teólogo protestante e músico franco-alemão. Em 1913 fundou um hospital em Lambaréné, no Gabão, que dirigiu até à sua morte. Recebeu o Prémio Nobel da Paz em 1952. (N. T.)

<sup>(17)</sup> Abbé Pierre (1912-2007). Nome adoptado por Henri Grouès, padre capuchinho francês. Durante a II Guerra Mundial juntou-se à Resistência, ajudou judeus a esconderem-se, e foi procurado pela Gestapo. Deputado entre 1945 e 1951, em 1949 fundou a Associação Emaús, dedicada a auxiliar os sem-abrigo e os mais desfavorecidos. No Inverno rigoroso de 1954, o Abbé Pierre lançou pela rádio um apelo à «insurreição pela bondade», que desencadeou um enorme movimento de solidariedade a favor dos sem-abrigo. Céline refere-se-lhe ironicamente como Abbé Prime. (*Prime* significa aparência, fingimento. [N. T.]

<sup>(18)</sup> Joseph Joinovici ou Yoseph Yoanovitch, judeu romeno que se instalou em Paris nos anos 20, onde se tornou negociante de ferro-velho. Fez fortuna durante a guerra com a venda de metais aos Alemães. Criou uma empresa com Henri Lafont, chefe da Gestapo em França, e em simultâneo ajudava financeiramente membros da Resistência e judeus a fugirem à Gestapo. Preso e julgado em 1949, foi condenado a cumprir pena de prisão, ao pagamento de uma multa avultada, e foram-lhe confiscados os bens. Libertado em 1951, foi-lhe fixada residência em Mende. Fugiu para Israel em 1957. Extraditado em 1958, foi novamente preso em Marselha e libertado em 1962. (N. T.)

<sup>(19)</sup> Pierre Lazareff (1907-1972). Jornalista, grande figura da imprensa e da televisão em França. Trabalhou no *Paris Soir* a partir de 1932, e durante a II Guerra Mundial viveu nos Estados Unidos, onde animou as emissões da *Voz da América*. Em 1944 fundou o jornal *France Soir*, que dirigiu até morrer. Lazareff foi um admirador de Céline. (N. T.)

das suas vidas!... quando os oiço naquelas jeremiadas dou por mim a dizer para os meus botões «meu idiota cretino desgraçado onde te foste tu meter? num sarilho daqueles?... por que capricho extravagante?» desisto de adivinhar!... a gata *Thomine* aqui, a ronronar em cima do meu papel... não liga nenhuma às minhas trapalhadas! ronrom!... ronrom!... indiferente ao mundo inteiro! animais! homens! o ideal é ser-se gordo!... pois claro!... gordo como Churchill, Claudel<sup>(20)</sup>, Picasso, Bulganine<sup>(21)</sup> juntos! que traseiros! e ronrom! ronrom! vocês também serão como eles!... *comunissas-capitalissas* Campeões, criados para terem gordura a dobrar! *Commissars* que vivem dos rendimentos! espectros de 1900, mas muito melhorados!... vá lá dizer aos meus clientes, talvez eles pudessem tentar... para o bem deles! tudo para o bem deles! talvez comerem um pouco menos de carne!... por causa da digestão! e verá o ódio!... você perturbou os Deuses!... Comes e Bebes! não há paixão política comparável!... devoção, fervor!... um ateu do bife? um inimigo do *whisky*? risca-se já da lista dos vivos!

No que me respeita, dizia-lhe eu que a vida, mesmo ascética, ainda assim custa extremamente caro... isto é, sem ajuda de ninguém! sem assistência de parte alguma!... nem da câmara municipal, nem da Segurança Social, nem dos partidos, nem da polícia... pelo contrário!... diria eu... pelo contrário!... toda a gente que vejo é ajudada... todos sacam dinheiro... assim-assim... um pouco... muito... um envelope gordo... um espacinho no canto de um corredor! como o Abbé Pierre... como Boileau<sup>(22)</sup>... amigos disto... daquilo... do rei ou do Exército de Salvação!...

---

<sup>(20)</sup> Paul Claudel (1868-1955). Romancista, ensaísta, dramaturgo e diplomata. Com Mauriac, Morand, Maurois, Montherlant, Jules Romains, Duhamel, escritores consagrados da época que tinham publicado durante a Ocupação e não tinham sido acusados de Colaboração no final da guerra, Claudel faz parte do grupo odiado por Céline.

<sup>(21)</sup> Nikolai Bulganine (1895-1975). Político e militar soviético, foi Presidente do Soviete de Moscovo e primeiro-ministro entre 1955 e 1958. (N. T.)

<sup>(22)</sup> Boileau, Racine: a referência a deve-se, provavelmente, ao facto de ambos terem sido nomeados cronistas do reino por Luís XIV. (N. T.)

como Schweitzer, Racine, Loukoum... uns oportunistas!... Irmãos Pedincha!... um tostãozinho, por favor!

Seria apenas ridículo, e ponto final... eu não refileava se à conta do racismo não me tivessem depenado completamente! dez anos, digo-lhe eu!... durante dez anos! patifarias inacreditáveis! eles refilam por causa do Canal do Suez?... se o tivessem escavado com as mãos... teriam alguma coisa de que se queixar, digo-lhe eu! a mim foi tudo trabalho das minhas mãos o que me roubaram na rua Girardon!... vão levá-lo com eles para o Paraíso?... é possível!... dez anos de desgraças, dois deles numa cela... enquanto eles, os tais, Racine, Loukoum, Tartre<sup>(23)</sup>, Schweitzer, faziam o peditório aqui... ali... recolhiam as moedas e o prémio Nobel!... somas enormes! deslumbrados, inchados, como Goering, Churchill, Buda!... *Comissars* pletóricos, superdeslumbrados! dez anos, digo-lhe eu! custa a engolir... dois deles no calabouço... e com o artigo 75 à perna! quem se põe do meu lado? escritores, nem pensar! ninguém reaje, por muito que eu insista... era como se eu tivesse ido a uma *cela-party*, lá em cima na Dinamarca! como se tivesse feito de propósito para dar tudo aos alcoólicos da Butte Montmartre!... não será amanhã que me vão descerrar uma placa, em cerimónia camarária «aqui foi roubado...» conheço as pessoas, tudo o que não as atinge, a elas, às suas tripas, não existe! pois muito bem!... eu não esqueço nada!... nem os roubos pequenos nem os grandes... os nomes também não... nada!... como todos os que são um pouco imbecis, desforro-me através da memória... que cómico foi tudo aquilo!... aproveitaram eu estar na prisão, às voltas com o artigo 75, para me levarem tudo! tenho notícias

---

<sup>(23)</sup> Tartre: Jean-Paul Sartre (1905-1980). Filósofo existencialista e escritor. Apoiente da Frente Nacional (1936) e do Partido Comunista Francês até à sublevação da Hungria em 1956. Várias razões alimentaram o ódio de Céline por Sartre, em particular um artigo que este escreveu em 1945 no n.º 3 da revista *Les Temps modernes*. Nesse artigo, intitulado *Portrait d'un anti-sémite* (Retraio de um anti-semita), Sartre afirmava que, se Céline apoiou as ideias nacionais-socialistas, foi porque lhe pagaram para isso. Nos anos 30 Sartre tinha sido um admirador de Céline, quando da publicação de *Voyage au bout de la nuit*. (N. T.)

dos meus assaltantes, mantenho-me informado, estão cheios de saúde!... o agente Tartre, então!... de grande admirador meu no tempo dos boches, passou a ídolo da juventude, o Grande Czar da conversa fiada!... lânguido, queixo flácido, traseiro flácido, banhas, óculos, cheiro e tudo! mestiço de Mauriac<sup>(24)</sup> e de fedelho!... com um pouco de Claudel Gnome et Rhône<sup>(25)</sup>!... híbridos frágeis!... teimosos, uma peste! o crime recompensa!...

Já que estamos na Literatura vou falar-lhe de Denoël<sup>(26)</sup>... Denoël, o assassinado... oh! ele tinha umas tendências odiosas!... até o vendia a si se fosse preciso, sem a menor dúvida! quando chegasse o momento, nas circunstâncias certas... você seria amarrado, vendido!... o que não o impediria de a seguir se retractar, de pedir desculpas, como um tal... e outro tal... (cem nomes!)... no entanto, havia nele uma faceta que o salvava... era um apaixonado

---

(<sup>24</sup>) François Mauriac (1885-1970). Escritor, dramaturgo, autor de artigos de política e de crítica literária. Ganha o Prémio Nobel em 1952, no mesmo ano em que escreve vários artigos condenando a repressão francesa contra a insurreição marroquina. A antipatia de Céline por Mauriac cedo se transforma em ódio e cresce com os anos. Escreve-lhe cartas insultuosas, apesar de Mauriac ter sido dos raros escritores franceses da Resistência a criticar certos excessos da Depuração e a falar de amnistia, logo em 1946. (N. T.)

(<sup>25</sup>) Gnome et Rhône: grande empresa de aeronáutica francesa, fundada em 1905, de que Paul Claudel foi membro do conselho de administração a partir de 1935. Teve um papel importante na França ocupada, através de acções de sabotagem interna que levaram a grandes quebras na produção esperada pelos Alemães. (N. T.)

(<sup>26</sup>) Robert Denoël (1902-1945). De origem belga, em 1930 criou a editora Denoël em Paris. Editou o primeiro romance de Céline, *Voyage au bout de la nuit* em 1932, e todas as suas obras seguintes até 1944, incluindo os panfletos anti-semitas *Bagatelles pour un massacre* (1937), e *L'École des cadavres* (1938). A orientação editorial de Robert Denoël era ambígua. Publicava simultaneamente Céline e escritores de esquerda como Aragon e Elsa Triolet, brochuras de propaganda comunista, uma revista antialemã, *Notre Combat*, e um jornal de extrema-direita, *L'Assault*. Em 1945 foi assassinado em Paris, quando tentava mudar um pneu do seu automóvel. As circunstâncias da sua morte nunca foram esclarecidas. No texto, Céline refere-se a Denoël também como «Fred Bourdonnais» e «La Bourdonnais», numa alusão à avenida La Bourdonnais, onde se situava a editora. (N. T.)

das Letras... reconhecia realmente o trabalho, respeitava os autores... totalmente diferente de Brottin!... Achille Brottin, esse, é um merceeiro sórdido, implacável, um bruto chapado... só consegue pensar em guita! mais guita! mais ainda! o autêntico e perfeito milionário! são cada vez mais os lacaios à sua volta!... de língua de fora e calças em baixo...

Denoël o assassinado lia tudo... Brottin, esse, é como Claudel, só vê a página da Bolsa... as leituras da treta são com o *Pin-brain-Trust*<sup>(27)</sup>: Norbert Loukoum, presidente!... ah!... olhe que no que toca a leituras, o que eles fazem é fumar, lavar os pés, tocar trompete! depois atiram uma moeda ao ar e decidem! será apenas mais um autor!... são milhares e milhares, têm a cave cheia! e se atirassem tudo para o caixote do lixo?... os lixeiros não os leriam!... quero lá saber... caixote do lixo! o meu ar ridículo! por causa do despejo do lixo?... é que tenho dois caixotes à minha espera!... se eu não for lá, quem irá?... Brottin, não!... azar meu!... força, rapaz! Loukoum, não! ele preferia morrer!... vai fazer sessenta e quatro anos que ando numa vida de «força, rapaz!», e cara alegre!... lá vou eu outra vez... caixote do lixo e «força, rapaz!»... da minha casa à estrada são à vontade uns duzentos metros... a descer, há que dizê-lo!... levo-o de noite para não me verem... deixo-o na estrada... mas são roubados!... já nos rapinaram mais de dez caixotes... ah, não é só nas Depurações... é uma ladroeira constante, tudo... e em todo o lado... além disso, prejudico-me tremendamente por eu próprio levar o lixo... a prova é que já não me chamam «doutor»... só «senhor»... não falta muito para me chamarem velho tonto! estou mesmo à espera disso... um médico sem criada, sem mulher-a-dias, sem carro, e é ele próprio que leva o lixo... e para mais, escreve livros!... e esteve na prisão... olhe que isto dá-lhe matéria para reflectir!...

Enquanto espera e vai reflectindo, se me comprasse um livro ou dois era uma ajuda...

---

(27) *Pin-brain-Trust*: e mais adiante *Brain-Trust* (grupo de peritos que aconselham sobre um determinado tópico ou estratégia), é neste caso o conselho de leitura da Gallimard. (N. T.)